

## (Des/re) construção da identidade (homo)sexual: análise baseada na história de Bobby Griffith

Héilton Diego LAU<sup>1</sup>

### Resumo

Em todas as relações sociais observadas nos vários campos da atividade humana, o sujeito é (des/re)construído pela(s) sua(s) identidade(s). Nesse contexto, a definição da própria sexualidade torna-se um elemento identitário, à medida que aquele que está se “descobrimo” sexualmente passa por turbulências em sua cabeça. Neste artigo, a temática da questão da identidade homossexual é abordada por meio da análise de trechos apresentados no filme *Prayers for Bobby*. A trama relata os dramas emocionais de Bobby Griffith, que, ao identificar sua homossexualidade, é submetido a cruéis pressões devido à religiosidade exacerbada de sua família, em especial da mãe que busca a “cura” para o filho. Partindo desse quadro conflituoso, pretende-se investigar os traços históricos da homossexualidade e a (des/re)construção dos polos familiares, esperando refletir acerca da temática em voga, mostrando as mudanças sociais acerca dela através das teorias de Identidade e Análise do Discurso.

**Palavras-chave:** Discurso. Homossexualidade. Identidade.

### Abstract

In every social relationship experienced in the various fields of human activity, the subject is (de/re)constructed due to his/her identity. In this context, the definition of sexuality becomes an identifying element, while the subject that is “unveiling” his/her sexuality suffers under the stress of turbulences in his/her mind. In this paper, the theme of homosexual identity is analyzed by excerpts presented in the movie *Prayers for Bobby*. When Bobby Griffith, identifies his homosexuality, he is subjected to cruel pressures due to heightened religiosity of his family, especially his mother who seeks a “cure” to his son. Based on this conflicting framework, and through the analysis of the dialogues of the character, taken from the movie, we investigated the historical traces of homosexuality and the (de/re)construction of the family *nucleus*, with emphasis on social change in their perceived conceptual journey through the theories of Identity and Analysis of Discourse.

**Key-words:** Discourse. Homosexuality. Identity.

---

<sup>1</sup>Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Linguagem, Identidade e Subjetividade pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). E-mail: heliton.diego@hotmail.com

## Introdução

Abordar um conceito como a homossexualidade exige, de início, que sejam retomadas as origens históricas do termo, registradas por algumas culturas. Desde o Antigo Egito e, passando pela antiguidade Clássica, este conceito e toda a carga emocional, física e sexual que lhe é atribuída hoje, sofreu transformações de acordo com a cultura que o abrigou. Os primeiros registros de comportamentos homossexuais datam do século V a.C., entre gregos e romanos, para os quais a homossexualidade existia como algo comum, natural e que deveria ser estimulada com vistas à formação integral da psique individual. Johan (2005) apresenta o histórico dos egípcios (século V a.C.) até o Iluminismo (século XVIII) mostrando os desejos e “obrigações” que os homens tinham em manter relações homossexuais não como apenas desejos carnavais, mas até como forma de educação. A partir da Idade Média até o Renascimento, ele expõe como essa prática e esse conceito de sociedade se tornaram “asquerosos”, aos olhos dos heterossexuais, sendo a prática censurada e proibida no início da Idade Média.

Ferrari comenta a respeito da história da homossexualidade: “[...] a recorrência à História é sempre contraditória. Por um lado, ela é utilizada para mostrar que a homossexualidade não é nova, que já existiu em outras épocas e, que, portanto, os sujeitos não são únicos” (FERRARI, 2005, p.29-30). O autor ainda cita que, na Antiguidade Clássica, período em que a homossexualidade era celebrada e considerada “normal” dentro de suas atribuições, em outro momento, também, é eleita como modelo de luta para os homossexuais persiste até os dias atuais. Em sua tese, o referido autor também percorre a história da homossexualidade e a divide em quatro pontos: o discurso médico, a influência católica, a ditadura dos gêneros e a contribuição das Ciências Sociais.

A Medicina do século XIX quis provar para a sociedade que a homossexualidade era uma doença e que tinha cura, tanto é que o termo utilizado nesse período era “homossexualismo”: os indivíduos eram frequentemente encaminhados para terapias psicológicas, tratados e considerados como “anormais”.

A tendência era acreditar que os homossexuais eram diferentes biologicamente ou psicologicamente dos indivíduos considerados heterossexuais. Assim, a Medicina do século XIX cria o homossexualismo como discurso, relacionado à doença, demonstrando a influência dessa ciência na definição de suas práticas (FRY, 1985 apud FERRARI, 2005, p.37)

Foi um período muito propício para a medicina se destacar e ousar afirmar que poderia curar tudo, inclusive a homossexualidade. Com isso, o discurso médico acerca da homossexualidade tinha como modelo o homossexual afeminado tido como “anormal”, pois tinha um corpo de homem e trejeitos de mulher. Assim, era visto como um “anormal” biológico, um pervertido que poderia ser diagnosticado pela medicina. Nesse período, a escola e a família apoiavam a medicina denunciando a homossexualidade com a finalidade de “curar” para que o sujeito pudesse conviver com os demais (cf. FERRARI, 2005, p.38).

Quanto à religião dominante na época, a Igreja Católica sempre pregou que o sexo tinha apenas uma única finalidade: a reprodução da espécie; qualquer atividade sexual, exceto essa, era considerada pecado contra a natureza e a vontade de Deus (cf. RICHARDS, 1993 apud FERRARI, 2005, p.40). Com isso, acreditava-se que a homossexualidade “existia” pela ausência de mulheres na vida dos homens e a visão do casamento heterossexual. “Os homossexuais deveriam ser afastados da sociedade pela prisão ou pela cura, porque eram considerados capazes de destruir a organização básica da sociedade – a família – a união homem/mulher e a reprodução” (FERRARI, 2005, p.40).

A sociedade do século XIX era conduzida pela Medicina e pela Igreja e sofreu uma demarcação entre o espaço do homem e da mulher inseridos no âmbito da política (encarregado pelos homens) e a família (encarregado pelas mulheres).

A família passou a ser definida como célula matriarcal da burguesia e da Nação, justificando a preocupação com a mulher, com a educação das crianças e dos jovens, com a saúde e, de forma geral, com a preservação da civilização e da cultura. Portanto a ciência e a medicina estariam intervindo na sociedade, tendo a cultura como pano de fundo. O saber científico estaria confirmando o que a ideologia burguesa e a cultura europeia e civilizada já haviam estabelecido, diversificando os corpos segundo seus interesses. A diferença dos sexos foi a origem da diferença dos gêneros e passou a especificar as

qualidades morais, intelectuais e sociais dos gêneros masculino e feminino. (FERRARI, 2005, p.41)

Com essa separação de gêneros, o homossexual “nasce” como um sujeito invertido, trazendo a classificação de perversão e considerado antinatural.

“Foram os cientistas sociais que inauguraram a concepção do homossexual como construção social, diferenciando comportamento, papéis, categorização e identidades homossexuais.” (FERRARI, 2005, p.43) Com isso, as Ciências Sociais e Humanas se preocuparam em descobrir as diferentes maneiras de relação entre os homens e a sociedade. Com essa abordagem médica do século XX, a homossexualidade foi rotulada como ameaça para a necessidade da educação sexual. “A preocupação com a homossexualidade mudou do nível do indivíduo para o da sociedade.” (FERRARI, 2005, p.44-45) Dessa maneira, o foco para a defesa contra a homossexualidade era defender o casamento, a família e a heterossexualidade.

Diante do exposto acima, constatou-se que, no século XX, muitos homossexuais foram conduzidos para terapias psicológicas. Em 1973, porém, a Associação Psiquiátrica Americana (APA) excluiu a homossexualidade da lista de transtornos mentais, deixando de ser considerada uma doença, desvio de comportamento ou perversão. Na década de 90, o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-IV), que serve para identificar códigos ou distúrbios mentais para orientar a classe médica e psiquiátrica, retirou também a homossexualidade como distúrbio mental. Em 1993 a Organização Mundial de Saúde (OMS) retira o termo “homossexualismo”, que transmite a ideia de doença e adota o termo “homossexualidade”, (cf. GODOI & ARANTES, 2012, p.65-66).

## **Discursos e identidades: definições**

A Análise do Discurso (doravante AD) é uma corrente recente, como todas as subáreas da Linguística. Tudo o que fazemos, falamos, escrevemos parte de determinada ideologia; nada criamos. O sujeito apenas reproduz tudo o que já foi dito e feito, acrescentando, substituindo ou omitindo fatos de sua visão de mundo. Somos induzidos a pensar determinadas formas, conceitos, ou seja, “o sujeito não é livre para dizer o que quer, mas é levado, sem que tenha consciência disso [...] a ocupar seu lugar

em determinada formação social e enunciar o que lhe é possível a partir do lugar que ocupa” (MUSSALIM, 2005, p.110).

Segundo Orlandi (2005), discurso é movimento. Não se fica preso em regras gramaticais, sentenças fechadas. O discurso é vivo, ele precisa estar inserido em determinado contexto social para funcionar.

Na análise de discurso, procura-se compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e da sua história. [...] A Análise de Discurso concebe a linguagem como mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social (ORLANDI, 2005, p.15).

Tudo o que falamos, escrevemos, expressamos é discurso. A fala é tida como social. “Não falamos para as paredes”, pois queremos uma recepção do que transmitimos. O “*Outro* desempenha papel fundamental na constituição do significado, integra todo ato de enunciação individual num contexto mais amplo, revelando as relações intrínsecas entre o linguístico e o social”(BRANDÃO, 2004, p.8, grifo da autora). Nos anos 1950, ano de gênese da AD, surge o trabalho de Harris intitulado *Discourseanalysis*, em 1952, que estuda os enunciados (discursos) e também os trabalhos de Jakobson e Benveniste acerca da enunciação, de acordo com Brandão (2004).

Quando estudamos os discursos, seja ele verbal ou não verbal, o sujeito que o implica impõe, em determinado momento, sua ideologia e, conseqüentemente, sua subjetividade que cria, também, sua identidade. “Para a análise do discurso [...] o sujeito só constrói sua identidade na interação com o outro”. (BRANDÃO, 2004, p.76) Com o “outro” conseguimos (re)criar nossa identidade.

A identidade é caracterizada pela formação social. Ninguém é exclusivo, estamos recriando alguma coisa sempre, seja o nosso modo de se vestir ou nosso modo de falar. Orlandi (2005) denomina esse fenômeno de assujeitamento, pois tudo nos persuade, seja por meio da televisão, alguma propaganda de moda e até mesmo a religião. Bauman (2005) afirma que em nosso período pós-moderno, o sujeito não possui uma identidade fixa como uma rocha, ao contrário, possui uma identidade líquida que muda constantemente. Isso se dá pelo fato de o sujeito estar inserido em “comunidades”. Ou seja, estamos expostos a diversas “comunidades”, nas quais estamos inseridos e as compartilhamos de diversas formas. Por intermédio dessas

“comunidades”, o sujeito é refletido pelo “eu”, como Hall (2006) esboça: somos diferentes a todo momento, nossas identidades não estão fundidas em apenas um “eu”, mas sim em vários. Somos diversas pessoas em uma só, pois ora somos informais, ora formais, ora trabalhador, ora filho, etc.

## **A relação família x homossexualidade: cura x libertação**

O filme *Prayers for Bobby*, dirigido por Chris Taafe e adaptado do livro homônimo de Leroy F. Aarons, conta a história verídica de Bobby Griffith (nos diálogos extraídos do filme será utilizada apenas a inicial do primeiro nome, B), um rapaz que é homossexual e aos 20 anos suicida-se pela pressão religiosa da família. Sua mãe, Mary Griffith (M), segue à risca as palavras escritas na Bíblia e tenta achar todas as respostas somente no livro sagrado. Sua família rotula os homossexuais de “nojentos” e declara que devem ser todos mortos, além da menção pejorativa que fazem a eles: *queer* (bicha, viado).

O protagonista demonstra ser “normal” aos olhos de seus familiares e amigos, porém, por dentro ele está sofrendo com isso. Ele olha para os garotos de uma forma diferente, como se sentisse atração; por causa disso e de toda carga religiosa pregada por sua mãe, o preconceito que sua avó demonstra falando que todos os “viados” devem ser enfileirados e mortos, ele tenta se matar tomando alguns comprimidos. Ed (E), irmão mais velho de Bobby, fica nervoso e tenta ajudá-lo.

(E): Você tomou isso?

(B): Não. [...] Eu queria, mas não consegui.

(E): O que está acontecendo com você?

(B): Para não ter conseguido? Porque é pecado.

(E): Bobby, do que está falando?

(B): Eu não queria ir para o inferno, mas... estou nele. Só que isso é pior.

(E): Bobby, você está me assustando. O que está acontecendo?

(B): Vocês todos me odeiam. Eu sei. Eu sei que se souberem a verdade, vão me odiar.

(E): Não. Seja o que for vamos contar à mamãe...

(B): Não! Mamãe não compreenderia, ok? Ela não pode saber.

(TAAFE et al., 2009)

Nos diálogos entre os irmãos, percebemos que quanto mais Ed questiona Bobby, mais ele vai se fechando e reproduzindo o que a mãe disse: que tudo é pecado; suicídio é pecado e vai para o inferno. Por consequência dessa ideologia pregada pela mãe ao filho, ele já sabia o que aconteceria ao assumir sua homossexualidade: iria ser ignorado e odiado pela família.

Mais adiante, Bobby faz a revelação ao seu irmão mais velho.

(B): Não sou como você, Ed. [...] Eu continuo tentando. Digo para mim mesmo que um dia vou acordar e será diferente. Mas não é. Eu não sonho com garotas, como você. Sonho com rapazes.

(E): Você é gay?!

(B): Está vendo?! Você até fala isso como se me odiasse.[...] Não sei o que fazer!

(E): Vamos contar aos nossos pais.

(B): Não! Não.

(E): Eles podem ajudar, Bobby. Sempre quiseram que falássemos tudo com eles. Eles podem ajudar.

(B): Não posso, ok? E você também não vai dizer nada. Prometa. Prometa-me que não vai dizer nada.

[...]

(E): Está bem. Prometo. (TAAFE et al., 2009)

Bobby ainda não encontrou sua verdadeira identidade, aliás, ele quer fazer parte da “comunidade” na qual o irmão e sua família estão– a comunidade heterossexual – pois ele ainda não encontrou uma comunidade homossexual para (re)construir sua identidade.

Após a revelação, Ed ainda não aceita a homossexualidade do irmão e quer ajudá-lo, mas ele quebra a promessa que fez e conta para a mãe.

(E): Mãe, se houvesse algo errado com um dos seus filhos, sempre disse para falarmos com você, certo?

(M): O que aprontou?

(E): Não sou eu, é o Bobby.

(M): O que é?

(E): Eu não queria contar, mas ele estava tão estranho. Estou mesmo preocupado com ele. Ele acha que pode ser homossexual.

(M): Ele não é.

(E): Ele não queria que contasse, mas tentou tomar um frasco de aspirinas. Está bem? Ele confiou em mim, não deve ser dura...

(M): Está bem, está bem. Ótimo. Fico satisfeita por ter me contado. *Não tenho dúvidas que Deus pode resolver isto. Ele vai nos ajudar. Ele vai curar o Bobby.* (TAAFE et al., 2009, grifo meu)

Neste diálogo entre a mãe e o irmão mais velho, podemos notar que Ed quer ajudar Bobby, porém acaba quebrando a promessa que tinha feito a ele. Na reação da mãe, podemos perceber, em destaque, no final da fala dela, o maniqueísmo, pois para ela a homossexualidade é uma abominação, um pecado e ela não quer que seu filho sofra na sociedade e muito menos na religião. Outro fator interessante de se observar também é o termo “cura”, pois entre 1979 a 1984, época em que a trama do filme se passa, as pessoas acreditavam que a homossexualidade era uma doença, cujo termo utilizado era “homossexualismo”, como mencionado anteriormente.

Como a homossexualidade na época do filme era considerada uma doença, Mary copia trechos da Bíblia e os cola por toda casa para “conscientizar” Bobby de que a homossexualidade é errada aos olhos de Deus. Ela lê um livro durante o trabalho disfarçando com outro. O livro se intitula: *Tudo que você sempre quis saber sobre sexo* (no original, *Everything you always wanted to know about sex*). Nele está escrito que se um homossexual não renunciar à homossexualidade, é preciso encontrar um psiquiatra que saiba como curá-la, pois só assim ele terá todas as chances de tornar-se um heterossexual feliz e bem ajustado. Com isso que ela lê, procura uma psicóloga (P) e convence Bobby a ir a uma consulta.

(P): Então acha que é homossexual? Bobby, com quantas garotas já esteve?

(B): Não sei... duas.

(P): Teve relações sexuais com elas?

(Bobby nega com a cabeça)

(P): Então, como é que tem certeza?

(B): Eu só tenho estes sentimentos, sabe? Não quero dizer que você sabe, quero dizer, tenho estes sentimentos.

(P): Você quer ser homossexual?

(B): Eu só quero estar próximo da minha família de novo. Sinto como se tivesse escorregado e agora não consigo... voltar.

(P): Não serei capaz de te ajudar se não responder às minhas perguntas.

(B): Não, não quero ser assim. (TAAFE et al., 2009)

No ponto de vista da Medicina, e de nossa interpretação com relação ao tema abordado, Bobby precisaria ter tido alguma relação sexual com, pelo menos, uma das garotas para querer ser homossexual, por não ter gostado. Isso também nos remete ao fato de quemuitos homossexuais passaram por esse tipo de tratamento, sendo chamados de doentes, pervertidos, por apenas gostarem de uma pessoa do mesmo sexo.



A psicóloga sugere que o pai comece a participar das sessões, pois naquela época, acreditava-se que a ausência do pai tornaria um filho homossexual. Em seu discurso com a psiquiatra durante a sessão ele confessa que não obriga Bobby a fazer as coisas que o filho mais velho, Ed, fez na idade dele. Esse discurso demonstra o afastamento proposital do pai, pois notamos no filme que a orientação sexual do filho não ia ser mudada pela presença/influência do pai.

Após algum tempo, ainda em “tratamento” na visão dos pais, em especial da mãe, Bobby vai buscar sua mãe que se reuniu com algumas amigas. Nisso ele aparenta alguns traços femininos, como colocar a mão na cintura e sua mãe acha que faz parecer uma menina.

(B): O que há com você?

(M): O quê?

(B): Acha que não percebi? Não quer que suas amigas me vejam.

(M): Algumas pessoas não entenderiam.

(B): E agora é tão óbvio ou você contou a elas?

[...]

(M): Por que faz isto? Estou tentando te ajudar.

(B): Não, não está. Está tentando ajudar a si mesma. Não tem a ver comigo, tem a ver com o que as pessoas pensam de você. Imagina que eles pensam que o seu filho é uma grande bicha. (TAAFE et al., 2009)

Por meio do comportamento que Bobby tem em público, sua mãe tem vergonha, e a vergonha não é do filho, mas sim dela ter um filho homossexual, do que podiam falar para ela por causa dele.

Bobby não sente a confiança do irmão, pensando que ele contou a todos que ele é gay. Ele não está sentindo-se inserido na mesma “comunidade”; como Bauman (2005) expõe, ele está se sentindo diferente.

Identities diferentes podem ser construídas como "estranhas" ou "desviantes". [...] a forma como vivemos nossas identidades sexuais é mediada pelos significados culturais sobre a sexualidade que são produzidos por meio de sistemas dominantes de representação. (WOODWARD, 2007, p.32)

Estávamos acostumados a ter apenas um único modelo de vida sexual determinado pela sociedade, a relação heterossexual, o que tornava a relação homossexual “nojenta”, vista pelos olhos da sociedade médica e religiosa, e considerada antinatural.

O protagonista não acredita na cura que sua mãe está procurando para ele. Ele não se considera doente, pois acredita que nasceu assim. Em cena, encontramos uma prima de Bobby, Jeanette, que acredita que as pessoas devem amar-se, independentemente da orientação sexual. Percebemos que Bobby encontra alguém para dar suporte a ele num momento de luta com a mãe. Nisso, ele se muda para Portland, onde sua prima mora. Eles saem para uma casa noturna e Bobby encontra David, um amigo de Jeanette que também é gay, eles se apaixonam e Bobby resolve contar isso para sua família.

(B): Estou pensando em me mudar para lá por algum tempo. [...] Eu conheci alguém lá [...] um cara.

[...]

(M): Eu não quero saber.

(B): Eu quero que você saiba. O nome dele é David. [...] Quando estou com ele, sinto-me tão bem! Ele me trata bem, é engraçado, inteligente.

(M): Para. Falo sério. Não quero ouvir e você sabe.

(B): Fiquei o ano passado ouvindo você e agora vai me ouvir pelo menos uma vez. Me sinto bem quando estou com David. Mas se ele me toca em público ou, Deus me livre, me beija, eu o afasto. Sinto vergonha.

(M): Porque sabe que é errado.

(B): Porque você me disse que era errado.

(M): Não sou eu, é a Bíblia.

(B): Não é a Bíblia. É você! Por que não admite que não suporta aquilo que sou? [...] Me aceite como eu sou ou me esqueça!

(M): *Eu não vou ter um filho gay.*

(B): Então, mãe, você não tem um filho.

(M): Adeus. (TAAFE et al., 2009, grifo meu)

Podemos perceber que Bobby encontrou sua identidade, mas sua mãe não a aceitou, pois ela acha a homossexualidade errada, um pecado e, novamente, justifica os mesmos fatos com a Bíblia e nunca com respostas dela mesma. Sua única atitude foi negar a existência de um filho que é gay pelos princípios religiosos que lhe foram impostos.

Bobby acaba se matando, jogando-se de um viaduto enquanto as palavras de sua mãe ecoam em sua mente: "Eu não vou ter um filho gay." Ele conseguiu encontrar sua identidade, mas não aguentou a pressão psicológica imposta por sua mãe, por não aceitá-lo mais como filho devido à sua orientação sexual. Quando a família sabe do ocorrido, fica em estado de choque e lamenta não ter feito nada para ajudar Bobby, porque agora era tarde demais. A mãe, em seu desespero, tenta encontrar novamente a

respostas nos princípios religiosos, o que a deixa confusa ainda: Bobby pecou aos olhos dela por ser homossexual, mas o suicídio também é pecado - mas para ela, seu filho era puro de coração e não faria mal a ninguém. Frustrada com isso se aproxima de colegas que têm filhos homossexuais e lésbicas que a convida a participar de um grupo chamado P-FLAG (pais, famílias e amigos de lésbicas e gays). O grupo, que defende a causa e os direitos gays e é coordenado por um reverendo da igreja local, propõe o Dia da Liberdade Gay na cidade onde Bobby vivia, o que gera vários comentários: alguns contraditórios, outros favoráveis.

(M): A homossexualidade é um pecado. [...] Os homossexuais estão condenados a passar a eternidade no Inferno. [...] Se quiserem mudar, poderiam ser curados de seus hábitos malignos. Se desviassem da tentação, poderiam ser normais de novo. Se ao menos eles tentassem, e tentassem com mais afinco, talvez isso funcionasse! Estas foram as coisas que eu disse ao meu filho, Bobby, quando descobri que era gay. Quando ele disse que era homossexual, meu mundo desmoronou. Eu fiz tudo que pude para curá-lo de sua doença. [...] meu filho pulou de um viaduto e se matou. Eu me arrependo profundamente da minha falta de conhecimento sobre gays e lésbicas. Vejo que tudo que me ensinaram e disseram era odioso e desumano. (TAAFE et al., 2009)

Com isso, percebemos que os conceitos que Mary teve a respeito dos homossexuais estavam equivocados e só foram esclarecidos por meio do erro, tendo o apoio e a visão de pais que lidam/lidaram com a mesma situação; seu histórico de vida, trazendo ao público o fato que aconteceu com seu filho, apontou que poderia ter sido diferente, ocasionando, assim, a (des)construção da identidade dela.

## **Considerações finais**

Atualmente, a homossexualidade está sendo discutida pela nossa sociedade pós-moderna, pois podemos observar novelas, seriados, desenhos animados, *outdoors*, dentre outros meios de comunicação e mídia refletindo acerca do assunto, procurando mostrar que a homossexualidade é também uma condição natural do ser humano.

No filme percebemos a (des) construção dos personagens analisados, pois Bobby aceitou-se por quem era, mas não se sentiu completamente realizado, apesar de conseguir libertar-se da pressão religiosa/psicológica da mãe, e se matou. Tal ato do

filho fez com que a mãe também (des) construísse sua identidade, revelando a mudança conceitual diante da tragédia: antes ela não seguia o que estava fora do livro sagrado, e depois com o apoio da comunidade onde estava inserida conseguiu retomar a clareza de raciocínio diante das emoções despertadas. No movimento do Orgulho Gay ela percebeu que os seres humanos são iguais e livres, independentes de sua orientação sexual, fato que pelo viés da Linguística Aplicada demonstra a mudança ideológica causada pela nova postura conceitual.

## Referências

- BRANDÃO, Helena HathsueNagamine. **Introdução à análise do discurso**. 2. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2004.
- BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- FERRARI, Anderson. **Quem sou eu? Que lugar ocupo?** Grupos gays, educação e a construção do sujeito homossexual. 2005. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2005.
- GODOI, Marcos Roberto; ARANTES, Clovis. Governo dos corpos, gênero e sexualidade: reflexões sobre situações do cotidiano das escolas. In: SOUZA, Leonardo Lemos de; et al. (orgs). **Gênero, Corpo e @tivismos**. Cuiabá-MT: Editora da UFMT, 2012, p.57-68.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- JOHAN, Allan. A homossexualidade na História: da Antiguidade ao século XIX. **Revista lado A**, Curitiba, nº. 3, out/nov, 2005. Disponível em: <<http://www.revistaladoa.com.br/website/artigo.asp?cod=1592&idi=1&moe=84&id=1061>>. Acesso em: 02 ago. 2011.
- MUSSALIM, Fernanda. Análise do Discurso. In: BENTES, Ana Christina; MUSSALIM, Fernanda. **Introdução à linguística**: domínios e fronteiras. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2004, v. 2, p.101-142.
- NELSON, Cynthia D. A teoria *queer* em linguística aplicada: enigmas sobre “sair do armário” em salas de aula globalizadas. In: MOITA LOPES, Luiz Paulo da (org.). **Por uma linguística aplicada INdisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.
- ORLANDI, EniPulcinelli. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. 6. ed. São Paulo: Pontes, 2005.

TAAFE, Chris; et al. **Prayers for Bobby**. [Filme-DVD]. Produção de Chris Taafe, Damian Ganczewski, Daniel Sladek, David Permut e Stanley M. Brooks. Direção de Russel TAAFE. EUA, 2009. 1 DVD, 89 min, color., son.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007, p.7-72.